



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico Talhava — Lisboa • Telefone ?

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A PREÇO, 5 CENTAVOS

Segunda-feira, 16 de Agosto de 1920

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A vertigem da queda

O bloqueio que a burguesia municipalizou à Rússia foi a perda da própria burguesia. As ideias revolucionárias não deixaram por isso de saltar por cima do bloqueio e germinar entre o proletariado de todos os países, como se em terra fértil. Reconheço hoje parte da burguesia ter sido má para ela a tática que adotou. O restabelecimento imediato de relações entre os Soviéticos e os Estados burgueses enfraqueceria muito mais depressa a ância de liberdade, do que a guerra hipócrita que lhes moveram.

Tanto quizeram abafar, impedir a revolução que esta mais se apresentou dentro dos próprios Estados capitalistas. E — extraña fatalidade — todos os gestos, todas as decisões tomadas pela burguesia mais contribuem para exaltar os ânimos, para atear o fogo impetuoso e inextinguível da revolta.

Aqui em Portugal, apesar de políticos e capitalistas de tal não quererem capacitar, a revolução, isto é, a subversão, a revolta desesperada, está mais próxima do que muita gente julga. Estamos convencidos de que essa revolta será desordenada, talvez sem direção definida, porque desordeados, impensados, cegos, são os golpes que as classes dominantes descarraram sobre a grande massa produtora. Os governos ainda não fizeram um gesto inteligente. As questões só tratadas ao de leve, sem estudo prévio, sem vontade de acertar. E essa incerteza, que se reflete no mal estar geral, que os há de perder e infelizmente arrastar-nos precipitadamente para caminhos tortuosos, que se podem evitar. Sabido é que em sociedade burguesa, os governos tem um único papel a desempenhar — defesa dos interesses capitalistas. Mas nem mesmo os seus interesses sabem defendê-los. O caminho naturalmente indicado a esses governos seria o de tomarem decisões que, contentando, embora em pequena parte, as necessidades populares, lhes garantisse, a eles, capitalistas, mais segurança no roubo que a engrenagem comercial admite. Assim, cedendo alguma causa aos trabalhadores, poderiam protelar, adiar para mais tarde a sua queda fatal.

Mas não. A burguesia parece estar empenhada na sua própria perda. Sabe que a restrição das liberdades públicas e a fome robustecem a revolta e não pára nenhuma de fomentar essa revolta, que a há de derrubar, especulando escandalosamente com tudo, aumentando a fome, de dia para dia, trucidando, esmagando, aviltando. E' a vertigem da queda. Como a mariposa atraída pela luz, a burguesia corre a olhos fechados para a ruína absoluta, a quem se na outra luz, no incêndio indomável da revolução social.

Nós desejamos ardenteamente uma sociedade melhor, nós queremos o completo aniquilamento do regime burguês. Mas creamos esses adversários que nos leem que nos causa infinita pena a sua imprevidência; tanta é a nossa pena, que fazemos ainda o gesto de alguém fundamentalmente bom, que vê um desgraçado cego encaminhar-se para um abismo: tentamos seguir-lhos, detê-los na sua carreira impetuosa. Gritamos-lhes: «Cuidado!» — mas não nos ouvem, tentam arrastar-nos também na sua corrida louca.

Mais uma vez os avisamos. Mais uma vez dizemos ao lavrador de inteligência curta e ambição desmedida que a sua perda (a sua morte, quem sabe?) está na sua criminosa resolução de não cultivar a terra, causando a fome, originando o ódio contra ele. O ódio é também uma força impetuosa que tem, por vezes, fins sublimes! Novamente avisamos o juiz que não se deixe arrastar à vilania por acenos dos interessados burgueses, porque o aviltamento da consciência mata, como um veneno que se ingere. ¡Tantos avisos temos feito aos governos, aos políticos, aos arrangistas, aos comerciantes, às autoridades para que não contrarium o seu próprio tumulto! Mas tudo em vão. Não há maneira de meter a realidade em cérebros tan-duros. E' de esgotar a paciência...

Mas não. A burguesia parece

NÃO APOIADO!

LOCUTOR DUM INSURRECTO

Um telegrama que este jornal hoje inserirá, se a falta de espaço, à hora precipitada da paginação, o não arredar para a banca da composição retirada, dá conta da dura provação a que a providência divina houve por bem submeteu Sua Santidão, o representante de Deus na terra. Aos quinze dias do mês de Agosto do ano da graça de Deus de mil novecentos e vinte, Sua Santidão jantou, à hora em que o sol declinante tombava de mansinho para o sumiço. Sua Santidão jantou todos os dias, pois não está nos hábitos sacerdotais submeter o estômago aos dolorosos refeitos da fome, os jejuns sendo apenas para uso dos pecadores, que tendo muitas culpas no cartório as procuram remir pela abstinência, entregando os ministros da Igreja, para maior glória de Deus, o que de melhor conservam na adega e na despensa. Ora, no fatídico dia quinze do corrente, sentou-se Sua Santidão à mesa, notando-se-lhe presença de apetite e faculdades excepcionais de deglutição. Quem, tendo ido a Roma, haja consultado os cardinais mais íntimos sobre os hábitos privados do papa, sabe bem que Sua Santidão gosta da pinga, e tendo bem provida a cave não se cofre de beber diariamente a sua conta, sem ter necessidade de reeditar o milagre, hoje corrente, de transformar em vinho a água cristalina das nascentes. Chegadó mesmo que não sei exprimir-me senão com as palavras do povo, as frases do povo. São banais bem sei, no entanto nós cá não entendemos.

Princípio pelo amor. E como não sei o que é o amor, passa a parte secundária, para muitos, enumerando o que amo. Amo os bons e saborosos frutos. As altas montanhas perigosas de subir, as monstruosas ribanceiras de escorregos de tantas outras — em cujo encontro encantos, mil encantos em cujos olhos castanhos e submissos, leio tantas promessas e tantas timidez no prometer. Amo o seu andar, os seus mínimos gestos, a sua voz. Amo a feia, feia como eu, que se envergonha de mostrar os seus olhos estrábicos, onde vejo — só eu — talvez — ternura, dedicação, um mundo de felicidade, que a loura, bela e alta, de andar sobre os boncos e gestos de rainha é incapaz de me dar. Raras vezes a rainha é mulher...

Eu amo a criança. Porque? O amor não se explica; o amor é ação e a ação explica-se por si mesmo. O que é o amor? Já teria alguém formulado esta pregunta? Acredito. Mas ninguém soube responder; a maioria nem sequer esboçou resposta. Ama-se porque se ama está tudo dito.

Amo o que é bom, já alguém me disse. Pura mentira. Eu amo tanta coisa má!

Amo a vulgaridade, o banal, o todos os dias.

Amo aquela mulher, impessoal quasi-imágem de tantas outras — em cujo encontro vulgar encontro encantos, mil encantos em cujos olhos castanhos e submissos, leio tantas promessas e tantas timidez no prometer. Amo o seu andar, os seus mínimos gestos, a sua voz. Amo a feia, feia como eu, que se envergonha de mostrar os seus olhos estrábicos, onde vejo — só eu — talvez — ternura, dedicação, um mundo de felicidade, que a loura, bela e alta, de andar sobre os boncos e gestos de rainha é incapaz de me dar. Raras vezes a rainha é mulher...

Eu amo a criança. Porque? O amor não se explica; o amor é ação e a ação explica-se por si mesmo. O que é o amor? Já teria alguém formulado esta pregunta? Acredito. Mas ninguém soube responder; a maioria nem sequer esboçou resposta. Ama-se porque se ama está tudo dito.

Amo a vulgaridade, o banal, o todos os dias.

Amo aquela mulher, impessoal quasi-imágem de tantas outras — em cujo encontro vulgar encontro encantos, mil encantos em cujos olhos castanhos e submissos, leio tantas promessas e tantas timidez no prometer. Amo o seu andar, os seus mínimos gestos, a sua voz. Amo a feia, feia como eu, que se envergonha de mostrar os seus olhos estrábicos, onde vejo — só eu — talvez — ternura, dedicação, um mundo de felicidade, que a loura, bela e alta, de andar sobre os boncos e gestos de rainha é incapaz de me dar. Raras vezes a rainha é mulher...

Eu amo a criança. Porque? O amor não se explica; o amor é ação e a ação explica-se por si mesmo. O que é o amor? Já teria alguém formulado esta pregunta? Acredito. Mas ninguém soube responder; a maioria nem sequer esboçou resposta. Ama-se porque se ama está tudo dito.

Amo a vulgaridade, o banal, o todos os dias.

Amo aquela mulher, impessoal quasi-imágem de tantas outras — em cujo encontro vulgar encontro encantos, mil encantos em cujos olhos castanhos e submissos, leio tantas promessas e tantas timidez no prometer. Amo o seu andar, os seus mínimos gestos, a sua voz. Amo a feia, feia como eu, que se envergonha de mostrar os seus olhos estrábicos, onde vejo — só eu — talvez — ternura, dedicação, um mundo de felicidade, que a loura, bela e alta, de andar sobre os boncos e gestos de rainha é incapaz de me dar. Raras vezes a rainha é mulher...

Eu amo a criança. Porque? O amor não se explica; o amor é ação e a ação explica-se por si mesmo. O que é o amor? Já teria alguém formulado esta pregunta? Acredito. Mas ninguém soube responder; a maioria nem sequer esboçou resposta. Ama-se porque se ama está tudo dito.

Amo a vulgaridade, o banal, o todos os dias.

Amo aquela mulher, impessoal quasi-imágem de tantas outras — em cujo encontro vulgar encontro encantos, mil encantos em cujos olhos castanhos e submissos, leio tantas promessas e tantas timidez no prometer. Amo o seu andar, os seus mínimos gestos, a sua voz. Amo a feia, feia como eu, que se envergonha de mostrar os seus olhos estrábicos, onde vejo — só eu — talvez — ternura, dedicação, um mundo de felicidade, que a loura, bela e alta, de andar sobre os boncos e gestos de rainha é incapaz de me dar. Raras vezes a rainha é mulher...

Eu amo a criança. Porque? O amor não se explica; o amor é ação e a ação explica-se por si mesmo. O que é o amor? Já teria alguém formulado esta pregunta? Acredito. Mas ninguém soube responder; a maioria nem sequer esboçou resposta. Ama-se porque se ama está tudo dito.

Amo a vulgaridade, o banal, o todos os dias.

Amo aquela mulher, impessoal quasi-imágem de tantas outras — em cujo encontro vulgar encontro encantos, mil encantos em cujos olhos castanhos e submissos, leio tantas promessas e tantas timidez no prometer. Amo o seu andar, os seus mínimos gestos, a sua voz. Amo a feia, feia como eu, que se envergonha de mostrar os seus olhos estrábicos, onde vejo — só eu — talvez — ternura, dedicação, um mundo de felicidade, que a loura, bela e alta, de andar sobre os boncos e gestos de rainha é incapaz de me dar. Raras vezes a rainha é mulher...

Eu amo a criança. Porque? O amor não se explica; o amor é ação e a ação explica-se por si mesmo. O que é o amor? Já teria alguém formulado esta pregunta? Acredito. Mas ninguém soube responder; a maioria nem sequer esboçou resposta. Ama-se porque se ama está tudo dito.

Amo a vulgaridade, o banal, o todos os dias.

Amo aquela mulher, impessoal quasi-imágem de tantas outras — em cujo encontro vulgar encontro encantos, mil encantos em cujos olhos castanhos e submissos, leio tantas promessas e tantas timidez no prometer. Amo o seu andar, os seus mínimos gestos, a sua voz. Amo a feia, feia como eu, que se envergonha de mostrar os seus olhos estrábicos, onde vejo — só eu — talvez — ternura, dedicação, um mundo de felicidade, que a loura, bela e alta, de andar sobre os boncos e gestos de rainha é incapaz de me dar. Raras vezes a rainha é mulher...

Eu amo a criança. Porque? O amor não se explica; o amor é ação e a ação explica-se por si mesmo. O que é o amor? Já teria alguém formulado esta pregunta? Acredito. Mas ninguém soube responder; a maioria nem sequer esboçou resposta. Ama-se porque se ama está tudo dito.

Amo a vulgaridade, o banal, o todos os dias.

Amo aquela mulher, impessoal quasi-imágem de tantas outras — em cujo encontro vulgar encontro encantos, mil encantos em cujos olhos castanhos e submissos, leio tantas promessas e tantas timidez no prometer. Amo o seu andar, os seus mínimos gestos, a sua voz. Amo a feia, feia como eu, que se envergonha de mostrar os seus olhos estrábicos, onde vejo — só eu — talvez — ternura, dedicação, um mundo de felicidade, que a loura, bela e alta, de andar sobre os boncos e gestos de rainha é incapaz de me dar. Raras vezes a rainha é mulher...

Eu amo a criança. Porque? O amor não se explica; o amor é ação e a ação explica-se por si mesmo. O que é o amor? Já teria alguém formulado esta pregunta? Acredito. Mas ninguém soube responder; a maioria nem sequer esboçou resposta. Ama-se porque se ama está tudo dito.

Amo a vulgaridade, o banal, o todos os dias.

Amo aquela mulher, impessoal quasi-imágem de tantas outras — em cujo encontro vulgar encontro encantos, mil encantos em cujos olhos castanhos e submissos, leio tantas promessas e tantas timidez no prometer. Amo o seu andar, os seus mínimos gestos, a sua voz. Amo a feia, feia como eu, que se envergonha de mostrar os seus olhos estrábicos, onde vejo — só eu — talvez — ternura, dedicação, um mundo de felicidade, que a loura, bela e alta, de andar sobre os boncos e gestos de rainha é incapaz de me dar. Raras vezes a rainha é mulher...

Eu amo a criança. Porque? O amor não se explica; o amor é ação e a ação explica-se por si mesmo. O que é o amor? Já teria alguém formulado esta pregunta? Acredito. Mas ninguém soube responder; a maioria nem sequer esboçou resposta. Ama-se porque se ama está tudo dito.

Amo a vulgaridade, o banal, o todos os dias.

Amo aquela mulher, impessoal quasi-imágem de tantas outras — em cujo encontro vulgar encontro encantos, mil encantos em cujos olhos castanhos e submissos, leio tantas promessas e tantas timidez no prometer. Amo o seu andar, os seus mínimos gestos, a sua voz. Amo a feia, feia como eu, que se envergonha de mostrar os seus olhos estrábicos, onde vejo — só eu — talvez — ternura, dedicação, um mundo de felicidade, que a loura, bela e alta, de andar sobre os boncos e gestos de rainha é incapaz de me dar. Raras vezes a rainha é mulher...

Eu amo a criança. Porque? O amor não se explica; o amor é ação e a ação explica-se por si mesmo. O que é o amor? Já teria alguém formulado esta pregunta? Acredito. Mas ninguém soube responder; a maioria nem sequer esboçou resposta. Ama-se porque se ama está tudo dito.

Amo a vulgaridade, o banal, o todos os dias.

Amo aquela mulher, impessoal quasi-imágem de tantas outras — em cujo encontro vulgar encontro encantos, mil encantos em cujos olhos castanhos e submissos, leio tantas promessas e tantas timidez no prometer. Amo o seu andar, os seus mínimos gestos, a sua voz. Amo a feia, feia como eu, que se envergonha de mostrar os seus olhos estrábicos, onde vejo — só eu — talvez — ternura, dedicação, um mundo de felicidade, que a loura, bela e alta, de andar sobre os boncos e gestos de rainha é incapaz de me dar. Raras vezes a rainha é mulher...

Eu amo a criança. Porque? O amor não se explica; o amor é ação e a ação explica-se por si mesmo. O que é o amor? Já teria alguém formulado esta pregunta? Acredito. Mas ninguém soube responder; a maioria nem sequer esboçou resposta. Ama-se porque se ama está tudo dito.

Amo a vulgaridade, o banal, o todos os dias.

Amo aquela mulher, impessoal quasi-imágem de tantas outras — em cujo encontro vulgar encontro encantos, mil encantos em cujos olhos castanhos e submissos, leio tantas promessas e tantas timidez no prometer. Amo o seu andar, os seus mínimos gestos, a sua voz. Amo a feia, feia como eu, que se envergonha de mostrar os seus olhos estrábicos, onde vejo — só eu — talvez — ternura, dedicação, um mundo de felicidade, que a loura, bela e alta, de andar sobre os boncos e gestos de rainha é incapaz de me dar. Raras vezes a rainha é mulher...

Eu amo a criança. Porque? O amor não se explica; o amor é ação e a ação explica-se por si mesmo. O que é o amor? Já teria alguém formulado esta pregunta? Acredito. Mas ninguém soube responder; a maioria nem sequer esboçou resposta. Ama-se porque se ama está tudo dito.

Amo a vulgaridade, o banal, o todos os dias.

Amo aquela mulher, impessoal quasi-imágem de tantas outras — em cujo encontro vulgar encontro encantos, mil encantos em cujos olhos castanhos e submissos, leio tantas promessas e tantas timidez no prometer. Amo o seu andar, os seus mínimos gestos, a sua voz. Amo a feia, feia como eu, que se envergonha de mostrar os seus olhos estrábicos, onde vejo — só eu — talvez — ternura, dedicação, um mundo de felicidade, que a loura, bela e alta, de andar sobre os boncos e gestos de rainha é incapaz de me dar. Raras vezes a rainha é mulher...

Eu amo a criança. Porque? O amor não se explica; o amor é ação e a ação explica-se por si mesmo. O que é o amor? Já teria alguém formulado esta pregunta? Acredito. Mas ninguém soube responder; a maioria nem sequer esboçou resposta. Ama-se porque se ama está tudo dito.

Amo a vulgaridade, o banal, o todos os dias.

Amo aquela mulher, impessoal quasi-imágem de tantas outras — em cujo encontro vulgar encontro encantos, mil encantos em cujos olhos castanhos e submissos, leio tantas promessas e tantas timidez no prometer. Amo o seu andar, os seus mínimos gestos, a sua voz. Amo a feia, feia como eu, que se envergonha de mostrar os seus olhos estrábicos, onde vejo — só eu — talvez — ternura, dedicação, um mundo de felicidade, que a loura, bela e alta, de andar sobre os boncos e gestos de rainha é incapaz de me dar. Raras vezes a rainha é mulher...

Eu amo a criança. Porque? O amor não se explica; o amor é ação e a ação explica-se por si mesmo. O que é o amor? Já teria alguém formulado esta pregunta? Acredito. Mas ninguém soube responder; a maioria nem sequer esboçou resposta. Ama-se porque se ama está tudo dito.

Amo a vulgaridade, o banal, o todos os dias.

Amo aquela mulher, impessoal quasi-imágem de tantas outras — em cujo encontro vulgar encontro enc

